

Rio de Janeiro: espaço de resistência e mudança

Actas de Diseño (2024, julio),
Vol. 46, pp. 213-215. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2021
Fecha de aceptación: mayo 2023
Versión final: julio 2024

Pedro Cabral y Jofre Silva (*)

Resumo: O Rio de Janeiro tem muito a ser explorado. O que o tempo ajudou a construir mudou a cidade. Lugares mantidos e até preservados, representando tudo pelo qual a cidade passou, é prova de resistência. A partir das análises de Foucault sobre “Heterotopias” e do conceito de “rugosidade” do geógrafo brasileiro Milton Santos, esse estudo apresenta algumas imagens desses cenários.

Palavras-chave: Rio de Janeiro – cidade – resistência – Heterotopias – rugosidade.

[Resumos em inglês e espanhol na página 215]

Entre diversas camadas históricas, o Rio de Janeiro ainda tem muito a ser explorado e conhecido: mitos, traços de sua cultura, conflitos e disputas políticas. O que o tempo ajudou a construir mudou a cidade. O que o tempo arrasou está na memória dos cariocas. O que se manteve firme, representando tudo que a cidade passou, é prova de resistência. A pesquisa e o ensaio fotográfico apresentados aqui tentam reunir aspectos de todos esses cenários. Para isso, estabelece paralelos com o conceito de rugosidade do geógrafo brasileiro Milton Santos e a noção de experiências heterotópicas pontualmente discutidas por Michel Foucault.

Grandes cidades como Nova Iorque, Paris e claro o Rio de Janeiro, tem como prática grandes renovações estruturais, que ocorrem de tempos em tempos para atender novas necessidades do crescimento populacional e a modernização do estilo de vida urbano. Muitas dessas reformas possuem bases em conceitos artísticos, já que não há obra que consiga se desvencilhar do saber da Arte embutido na Arquitetura e no Design. Prédios, praças, largos, ruas e avenidas são transformados a cada ciclo de reformas, fazendo com que a relação do habitante com sua cidade sofra alterações, mas sem se desconectar de sua essência. É isso que pode ser visto no Rio (abreviado para os íntimos), como em nenhuma ou poucas cidades do mundo, já que a quantidade de movimentos responsáveis por alterar a cara da metrópole é algo fora do comum.

A cidade do Rio de Janeiro, fundada em 1565, foi capital do império português entre 1808, com a chegada da família real portuguesa, até 1822 com o início da república. As suas simples estruturas foram adaptadas para receber a corte com toda a pompa e luxo, conforme exigiram os nobres e o então Imperador de Portugal D. João VI. Para isso, foram construídos palácios, parques, vias, sistemas de abastecimento, comércio etc. A partir dessas edificações foi dado o rumo do urbanismo que moldaria a cidade e traços da cultura e arquitetura européia entraram para o conceito básico da cidade.

Em 1889, com a instauração da república federativa, a estrutura política do antigo império foi dissolvida e com ela as memórias das obras que foram feitas aqui.

A busca por um novo significado desses espaços fez surgir ambientes e construções capazes de simbolizar os ideais do novo regime. Em meio a esse processo, revoltas implodiram por todo o país, e principalmente na capital, pela busca de poder para dominar os interesses da nação. A cidade se tornou campo de batalha em forma de manifestações populares e até mesmo insurgências militares. Algumas coisas se perderam nesses conflitos, mas isso fez surgir novas histórias e marcas do referido tempo. O que sobreviveu, resistiu.

Em especial para o Rio, uma série de reformas urbanas em 1920, inspiradas no estilo parisiense, fez morros inteiros serem despeitados. Aterramentos transformaram bairros. Tudo isso, principalmente, por uma questão higienista para conter doenças e uma epidemia de varíola. Até então, a cidade era vista como outra qualquer; até mesmo evitada por turistas que temiam seus problemas de infraestrutura. Esse conjunto de obras tornou a cidade mais atrativa, ficando conhecida mundo afora como cidade maravilhosa. Assim, estava pronta a base da cultura carioca e do povo que guiaria os novos rumos possíveis.

Em 1964, o golpe militar ocupou as ruas da cidade com tanques, soldados e policiais do exército, caçando opositores numa era de trevas da história brasileira. Embora a capital tenha sido transferida para Brasília em 1960, o acesso para o mar era de importância estratégica e isso fez com que a repressão fosse grande para manter o Rio de Janeiro sob controle. Saques e perseguições colocaram em risco alguns prédios que poderiam ser confiscados por autoridade militar com o pretexto de controle de atividade comunista. Com a volta de democracia em 1984, os crimes e histórias ficaram marcados nas paredes dos edifícios usados como local de tortura. As ruas e avenidas, onde pessoas foram duramente reprimidas, viraram novas marcas nas camadas do tempo.

Essas gerações dentro de gerações são classificadas como *rugosidade* pelo geógrafo Milton Santos. Seu conceito indica objetos em inércia espacial que ficaram como herança ou obsoletos. Conforme explica:

chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos (2012, apud Sabino E Simões, 2013, p.175).

Portanto, como forma de proteção ou inação, essas paisagens foram deixadas para se misturar e coexistir. São lembranças, mas também são autoras das novas histórias e novos cenários cariocas. Essas camadas de tempo são a particularidade do Rio de Janeiro; difícil de encontrar até em outras grandes cidades do mundo. Criaram uma oportunidade única para a realização de um ensaio fotográfico que tenta explorar e descobrir o que está oculto, esquecido e enterrado no dia a dia dos seus moradores.

O plano de desenvolvimento da cidade não contemplou em suas políticas públicas a parte da população marginalizada, sobretudo descendentes de escravos libertos. Vale lembrar que o Rio de Janeiro foi uma das maiores portas de entrada para o tráfico de pessoas escravizadas das américas. Naturalmente, isso gerou um abismo entre os que mantiveram seus privilégios e outros que foram jogados na pobreza, em condições sub-humanas de vida. Um déficit de empregos, cultura, saúde e segurança caracterizava um lado terrível de um espaço partido. A esperança para a solução desses problemas estava em mais um novo ciclo de reformas, capaz de contemplar todas as classes de forma mais democrática. Buscar gerar um crescimento jamais visto na sua história e elevar o patamar de importância global do Rio de Janeiro. Embora a Copa do Mundo e as Olimpíadas tenham atraído a atenção do mundo, gerando um movimento importante de mudanças, esse plano hoje parece ter “morrido na praia”.

Entre 2014 e 2016, por exemplo, os investimentos colocaram a cidade no “padrão FIFA” e montaram o tão sonhado legado olímpico. Exemplos disso são as obras de revitalização da zona portuária, onde está a Praça Mauá, e a construção do *Boulevard Olímpico*, local de fixação da pira olímpica. A esperança de dias melhores trouxe à tona outros momentos de esperança na cidade. Ali perto, o arranha-céu *A Noite* foi por muitos anos símbolo do desenvolvimento nacional; sofreu ataques da ditadura; e hoje tem um destino incerto após seu completo abandono. Agora, o novo polo turístico não está nos seus melhores momentos e pode ser visto, dia após dia, assumindo a condição de mais uma marca do tempo.

Há que se destacar que não existe cidade sem povo e toda transformação também afeta a relação entre um e outro. Por ter sido uma região já habitada por etnias indígenas, diversas culturas européias e africanas, o Rio tem a miscigenação em sua composição básica. Esses ideais nortearam os rumos da cidade. Porém, o caminho inverso também define o rumo de seu povo. A expansão de subúrbios marginalizados, o isolamento de áreas consideradas nobres e a concentração de serviços básicos de saúde, educação e cultura, tornaram a relação dos cariocas com seus espaços um tanto conflituosa e muitas vezes problemática. Mesmo assim, parece difícil

encontrar alguém nascido no Rio de Janeiro que não tenha amor pela cidade; uma espécie de *síndrome de Estocolmo*.

A influência da relação entre o indivíduo e seu meio pode ser compreendida com base no pensamento de Foucault, em sua discussão sobre as “Heterotopias”, quando relata como a subjetividade foi oprimida no mundo ocidental em detrimento de valores únicos. Segundo o autor:

Há países sem lugar e histórias sem cronologia; cidades, planetas, continentes, universos, cujos vestígios seria impossível rastrear em qualquer mapa ou qualquer céu, muito simplesmente porque não pertencem a espaço algum. Sem dúvida, essas cidades, esses continentes, esses planetas nasceram, como se costuma dizer, na cabeça dos homens, ou, na verdade, no interstício de suas palavras, na espessura de suas narrativas, ou ainda, no lugar sem lugar de seus sonhos, no vazio de seus corações; numa palavra, é o doce gosto das utopias. (2013:19)

Como já dito antes, o Rio é composto de diversas culturas que formam as partes do que entendemos por essa cidade. Esses espaços expressam uma condição de sincretismo, mesmo após diversas intervenções que tentam alinhar o ambiente urbano a interesses escusos da elite econômica e política como, por exemplo, o Morro do Castelo. Desmontado em 1921, o morro abrigava a igreja de São Sebastião, padroeiro da cidade. Acolhia a pedra da fundação da cidade, símbolo da conquista portuguesa nas américas. Era lar de inúmeras famílias, em sua maioria pessoas negras libertas após a assinatura da Lei Áurea de 1888. Apesar de sua importância e das diferenças culturais de vidas que ali estavam, o morro foi demolido para “embelezar” a cidade e seguir uma crença sobre questões de higiene.

As fotos do ensaio foram pensadas para abarcar esses conflitos expressos na parte concreta da cidade, em largos, igrejas, fábricas, sistema de transporte e outros objetos que contam histórias e mostram o que já passou por aqui. O estilo não documental, embora seu tema aponte para isso, apresenta de forma abstrata o registro de paisagens que muitos de nós já conhecemos. A dimensão estética das imagens resulta de processos de criação experimentais, aproximando a subjetivação do autor por meio do conhecimento e relação pessoal com aqueles espaços e objetos. Ao final, qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, pode refletir acerca do estilo de vida e dos rumos criados para o seu próprio futuro. Pensar, por exemplo, sobre as marcas que possam ser mantidas ou apagadas, bem como o motivo dessas escolhas.

Recentemente, em Bristol, cidade da Inglaterra, uma estátua do escravocrata Edward Colston foi derrubada e jogada em um rio para apagar a memória daquele passado sombrio do país. Nesse momento milhares de memórias estão virando pó em mais um conflito bélico violento entre Israel e Palestina; uma região onde cultura e religião criaram diversos monumentos que poderiam ser preservados. A pandemia de covid-19 protegeu lugares, como a cidade de Machu Picchu, criada pelos Incas no Peru, pois o decréscimo no fluxo de turismo reduziu o desgaste e depredação do local. Será que essas atitudes

estão certas? Como podemos proteger nossa história de guerras e interesses alheios? Como coexistir e manter espaços mesclados? Como viver em uma cidade com tanta história e preservá-la? O que ficará para trás? O que irá resistir? E o que irá mudar?

Referências bibliográficas:

- Foucault, M. (2013). *O Corpo Utópico, As Heterotopias*. São Paulo: n-1 edições.
- Sabino, A. e Simões, R. (2013). *Geografia e arqueologia: uma visão do conceito de rugosidades de Milton Santos*. Campinas: LAP/NEPAM/UNICAMP.

Resumen: Río de Janeiro tiene mucho que explorar. Lo que el tiempo ha ayudado a construir ha cambiado la ciudad. Los lugares que se han mantenido e incluso conservado, que representan todo lo que ha vivido la ciudad, son una prueba de resistencia. A partir de los análisis de Foucault sobre las "Heterotopías" y del concepto de "rugosidad" del geógrafo brasileño Milton Santos, este estudio presenta algunas imágenes de estos escenarios.

Palabras clave: Río de Janeiro - ciudad - resistencia - Heterotopías - rugosidad.

Abstract: Rio de Janeiro has a lot to explore. What time has helped to build has changed the city. Places that have been maintained and even preserved, representing everything the city has been through, are proof of resistance. Based on Foucault's analysis of "Heterotopias" and Brazilian geographer Milton Santos' concept of "roughness", this study presents some images of these scenarios.

Keywords: Rio de Janeiro - city - resistance - Heterotopias - roughness.

(* Pedro Cabral: Graduando em Comunicação Visual Design, na Escola de Belas Artes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de Iniciação Artística e Cultural, desde 2019. Designer responsável pelo site PHADEC (laboratório de pesquisa intitulado Photography: Art, Design & Communication). Trabalha ainda com motion design e como editor no campo audiovisual. **Jofre Silva:** PhD em Fotografia, pelo Central Saint Martins College of Art and Design, Universidade das Artes de Londres (1999). Diploma em Fotografia, pelo Goldsmiths' College, da Universidade de Londres (1992). Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Design da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordena o laboratório: Photography: Art, Design and Communication – PHADEC (<https://phadec.eba.ufrj.br/>).

Proyecto "Made in China": El uso de la tipografía como voz plástica en el ámbito del arte contemporáneo

Patricia Claudia Barrios (*)

Actas de Diseño (2024, julio),
Vol. 46, pp. 215-218. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2021
Fecha de aceptación: mayo 2023
Versión final: julio 2024

Resumen: El proyecto se centra en la investigación sobre cómo la tipografía puede ocupar un espacio protagónico en la obra artística, otorgándole una potencia visual impactante a partir de su función persuasiva, más allá de su función verbal. La utilización de materiales cotidianos y de bajo coste, comprensibles en forma unánime por el entorno; y la ecléctica elección de los mismos encaja a la perfección con el objetivo buscado. Las 14 piezas, concordantes con los 14 días de cuarentena, presentan un fuerte sentido retórico y una voz crítica a la situación pandémica de la COVID-19. Todo es simple pero no obvio, lográndose una narrativa visual multifacética y asombrosa.

Palabras clave: Arte y tipografía – retórica – ironía – COVID-19 – *Made in China* – lo cotidiano.

[Resúmenes en inglés y portugués en la página 218]

La tipografía siempre ha sido uno de los distintivos para hablar de aquellas cuestiones que diferencian el arte y el diseño, pero desde que los artistas han utilizado las letras como un elemento más en sus composiciones para crear sus estrategias artísticas, ya no observamos el uso de la misma desde una perspectiva peyorativa, sino todo lo con-

trario. Cada elemento tipográfico empleado por los artistas comprende una función concreta en sí misma con una intención anticipada en el discurso narrativo planteado. Lo que *a priori* participaba como elemento diferencial de oposición entre las disciplinas del arte y el diseño, hoy se ha convertido en andamiaje conceptual para la